

PREFÁCIO

JORGE FERNANDES ALVES*

O desenvolvimento dos estudos demográficos contribuiu para dar novas configurações à História, sobretudo a partir da altura em que à demografia formal se veio juntar a demografia histórica. O estudo quantitativo das populações de uma forma alargada no tempo permitiu exercitar o cruzamento entre a sincronia e a diacronia, relacionar as forças do presente com as forças do passado, dar visibilidade às massas populacionais na história e aos seus padrões de comportamento através de indicadores transversais e longitudinais com forte potencial comparativo. Além disso, a demografia constitui um suporte científico fundamental para se aprofundar essa dicotomia antropológica de natureza vs. cultura e sua incidência histórica, ao revelar a forte imbricação entre o social e o biológico, com efeitos tão evidentes no estudo de variáveis como a fecundidade e a mortalidade, sobretudo quando se aprofundam essas relações sob o ponto de vista da análise diferencial ou se perseguem indicadores mensuráveis através das reconstituições de famílias. Indicadores esses obtidos através de exercícios de malha fina, como é o caso da esperança de vida, da idade ao casamento, da dimensão dos fogos, dos intervalos intergenésicos, das proporções de ilegítimos e de expostos, das tábuas de mortalidade, entre outros, o que nos permite reificar a vida das localidades, quer através das medidas populacionais de conjunto, quer através dos fios biográficos que as tecem e lhes dão consistência.

Acompanhar a evolução das populações no tempo e no espaço é, no essencial, o escopo tanto da demografia como da demografia histórica, permitindo desenvolver abordagens como as que são realizadas neste livro – *A Demografia das Sociedades Insulares Portuguesas. Séculos XV a XXI*, tendo como campos de observação os territórios dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, colocando ao nosso alcance um conjunto de trabalhos, articulados entre si, para nos apresentarem

* FLUP/CITCEM.

uma perspetiva inédita sobre a demografia das referidas sociedades insulares. Obra de conjunto, convocando alguns dos melhores estudiosos que se tem debruçado sobre as sociedades insulares, este livro apresenta-nos sucessivas panorâmicas dessas sociedades, sob diferentes pontos de vista, configurando-se por isso como uma obra de referência nas áreas que integram os estudos sobre a população das regiões autónomas e suas conexões migratórias, constituindo-se como plataforma de dados que incentiva novos estudos.

Quatro textos cobrem a apresentação do Arquipélago da Madeira. Assim, podemos viajar até aos primórdios do seu povoamento, acompanhar as formas de ocupação do solo, a criação dos primeiros aglomerados populacionais e as sucessivas fases de povoamento nos séculos XV e XVI, através do texto de Maria Luís Rocha Pinto e Teresa Rodrigues. Segue-se uma perspetiva sobre a evolução demográfica da cidade do Funchal, entre 1750-1830, que nos remete para a compreensão do crescimento demográfico de uma urbe com significativa população flutuante, usando para o efeito métodos agregativos, bem como para a deteção das crises de mortalidade, num estudo conduzido por Carlota Santos, Paulo Teodoro de Matos e Paulo Silveira e Sousa. Num outro estudo, da autoria de Nelly de Freitas, tendo como pano de fundo a emigração, revela-se o perfil do emigrante madeirense em S. Paulo (Brasil), nos finais de Oitocentos, na sequência da abolição da escravatura (1888), tendo como destino os cafezais. Por seu turno, Isabel Tiago de Oliveira apresenta as dinâmicas demográficas da Ilha da Madeira, de 1890 a 2011, revelando um processo de transição longo e complexo, muito marcado em alguns indicadores pela dimensão social do grupo de pertença, com a emigração a emergir como um dos principais fatores integrante dessas dinâmicas.

O Arquipélago dos Açores, sobre o qual têm recaído mais estudos demográficos, nomeadamente na área da demografia histórica (muito pelo impulso de Norberta Amorim, através do uso da sua metodologia de reconstituição de paróquias e dos variados estudos demográficos a que tem procedido neste território), é coberto através de sete textos. É precisamente Norberta Amorim que nos abre as pistas do estudo, fornecendo-nos uma perspetiva do que têm sido esses estudos de Demografia Histórica centrados nos Açores: “uma história de ambição”, justamente assim classificada pela autora, que nos apresenta alguns resultados desse labor. Já Avelino de Freitas de Meneses, num cuidado estudo de confronto crítico da informação, avalia listas de habitantes para efeitos de elaboração de níveis quantitativos para a população dos Açores nos meados do século XVIII. O mercado matrimonial das elites açorianas no Antigo Regime é abordado por José Damião Rodrigues, testando variáveis do parentesco como endogamia, consanguinidade e reprodução social subjacentes às estratégias matrimoniais e aos efeitos de aliança social através do matrimónio. A flutuação da mortalidade na cidade de Angra, no século XVIII, e

seu relacionamento com as conjunturas económicas são o objeto de estudo de José Guilherme Reis Leite e Maria Hermínia M. Mesquita , apresentando a conclusão de não surgirem localmente tipos de “crise muito grave”. Por sua vez, Paulo Silveira e Sousa, reconhecendo o papel importante que os Açores sempre desempenharam como elo de comunicações nas redes de troca, fala-nos da emigração e da criação de condições expulsivas num território marcado pelas desigualdades, pelas dificuldades e múltiplas crises de subsistência: primeiro o Brasil como destino, desde cedo, mais tarde, mas de forma persistente, os Estados Unidos, detendo-se o autor também nos contributos dos emigrantes para a reprodução social e a rede de relações exteriores, tendo como pano de fundo a experiência histórica da Ilha de S. Jorge. O problema das crianças abandonadas, através da exposição, tomando como elementos comparativos os processos decorridos entre distritos da Horta e de Viana no século XIX, foi abordado por Teodoro Afonso da Fonte. Por último, Gilberta Pavão Nunes Rocha, percorre a demografia dos Açores entre 1864-2011, sublinhando a sua “tese da diversidade da dinâmica populacional”, recuperando neste contexto o conceito de ilhas nodais / ilhas marginais, ao mesmo tempo que sublinha o papel da emigração, bem como o recente e rápido duplo (no topo e na base da pirâmide) envelhecimento da população.

Na sua diversidade temática e cronológica, o presente volume, conjugando os contributos de vários especialistas, oferece-nos, pois, uma perspetiva renovada da população e dos seus padrões comportamentais nas sociedades insulares dos Açores e da Madeira, o que nos permite reconhecer mais amplamente a sua história, colocando a população na ordem do dia, pois , como dizia Pierre George, “tudo é puramente virtual desde que a população esteja ausente”.

